

SIMPLICIDADE DA TÉCNICA NA ERA PTOLOMAICA*

*Ettore Quaranta***

Resumo

O Egito ptolomaico (323 aC - 31 aC) atingiu o mais alto plano em poder e riqueza que a Antiguidade conheceu antes do auge de Roma. Os lucros vinham, principalmente, de taxas sobre o comércio e produtos monopolizados pelo rei. Uma tecnologia foi aplicada sobre os latifúndios, assim como em construções e em militarismo; e nunca ajudou o camponês pobre. Isso apesar do alto desenvolvimento da Ciência no Museu de Alexandria.

Palavras-chave

Egito helenístico; riqueza; poder real; camponês; ciência helenística; tecnologia.

Abstract

Ptolemaic Egypt (323 BC – 31 BC) reached the uppermost place in power and wealth that Antiquity has known before the rise of Rome. Revenues came mainly from taxes on commerce and products monopolized by the king. A technology was applied on great farms, as well as on constructions and militarism; and has never helped the poor peasant. This, in spite of the high development of Sciences in the Museum of Alexandria.

Keywords

Hellenistic Egypt; wealth; royal power; peasant; hellenistic Science; technology.

Um texto ilustra bem como era atrativo em todo o mundo grego a perspectiva de partir para o Egito: o texto de Heródas de Cós, I, 23 e seg., onde um velha ama tenta fazer uma jovem esposa Metriké se esquecer de seu marido Mandris, que partira para o Egito, e aceitar o amor de outro pretendente, pelo que a ama recebe uma grande taça de vinho:

Já são dez meses que Mandris partiu para o Egito e ele ainda não te escreveu uma só linha. Ele te esqueceu, podes esperá-lo aqui, ele foi beber em outra fonte de prazer! O Egito! É lá que está o templo da deusa (Arsínoe). Tudo o que existe, tudo o que possa existir, não importa onde, se encontra no Egito: riquezas, ginásios, poder, conforto, glória, espetáculos, filósofos, jovens, o templo dos deuses Adelfos, o rei magnífico, o Museu, vinho, todas as boas coisas que um coração poderia desejar – e mulheres também, mais numerosas que as estrelas e tão belas quanto as deusas que solicitaram o julgamento de Páris

Ilustra, assim, a atração do Egito lágida sobre o resto do mundo grego, com suas riquezas e seu bom rei grego.

Tudo é do rei, pois ele encarna o Estado e coloca-se no centro de um sistema rigorosamente controlador, que não só distribui as sementes e define a própria semeadura exata para cada terra a estação quanto lucra através do poder do fisco. O que não monopoliza totalmente (como o óleo, as minas e o sal), taxa de forma impiedosa, principalmente os camponeses, mas também o artesanato urbano e as importações. Mas mesmo que sejam poucas as informações sobre os organismos de controle, centralizado principalmente em Alexandria, podemos entender que ali, como por toda parte, imperava uma monstruosa burocracia que possibilitava ao rei, através dos seus agentes, conhecer os pormenores da produção e atividade de seus súditos. Isso lhe permitia arrecadar sempre, em moeda ou *in natura*: um censo anual da população ia ao lado do registro de todos os animais, produção agrária, posse de casas e transações bancárias, pois, afinal tudo dependia do pagamento de um licença ao rei, quando não sofria o fisco diretamente na produção.

E foi dessa forma, acumulação através do fisco rural e urbano, que os Ptolomeus acumularam uma riqueza que se tornou lendária até a época de São Jerônimo, aproveitando a herança faraônica que já exportara o modelo desse sistema fiscal para a Sicília de Hierão II, talvez até para a Índia.

Os Ptdomeus introduzem novos métodos e técnicas agrícolas na economia egípcia, dando-lhe um cunho essencialmente comercial. O aumento das áreas agricultáveis é muito elástico, devido à irrigação, o que só fazia crescer sem cessar a economia dos Lágidas pelo lado da Agricultura.

A fertilidade conquistada através de um intenso trabalho de drenagem levado a cabo por engenheiros gregos, cujos nomes nos são conhecidos, produziu, até o final do domínio romano que protegera a área da invasão do deserto inumeráveis colheitas, não só da

produtividade óleo-vinícola, opção comercial básica dos Ptolomeus e de todo o Mediterrâneo grego desde o século IV aC, mas também de cereais, que eram exportados para Alexandria. Talvez foi o Faium, mais do que Alexandria, a grande realização dos Lágidas.

No meio urbano, além do trabalho intenso de codificação na Biblioteca, era a primeira vez que no Museu, a Ciência como pesquisa pura se desprendia dos seus compromissos filosóficos. Através de um Euclides, autor dos Elementos, de um Aristarco de Samos, com o heliocentrismo, com tantos outros, até mesmo com um Hiparco, com seu geocentrismo errado, mas cuja obra reunia os conhecimentos da época e acabou por ser predominante, chegou-se à descoberta da energia a vapor. Essa descoberta helênica, dois mil anos antes do seu uso de fato no Ocidente, acabou por se perder, impedida pelas condições sociais, talvez, do trabalho escravo, transformada em algo pitoresco.

Fora, portanto, das grandes drenagens, da engenharia militar e das grandes construções, não há aplicação prática tecnológica na vida simples dos homens.

Se os reis helenísticos, de forma geral, foram baluartes de proteção do Helenismo contra a barbárie – o Museu, a Biblioteca e os ginásios de Alexandria provam esse papel – assim como a extenuação que muitos reis apresentam no fim da vida devido ao trabalho incessante, ou os “conselhos” reais dados aos funcionários para que dêem atenção a lamúrias, todos, e mais do que todos, os Ptolomeus, colocaram em primeiro plano o enriquecimento de seus tesouros particulares. Todo o desenvolvimento tecnológico e o progresso das transações bancárias em nada melhoraram o nível de vida da massa da população. O texto do poeta Teócrito, séc. III aC, mostra o quanto a classe média grega é atingida, justificando as queixas das Siracusanas, de forma mais simplória e mais velada (XV, vv. 24, 36,37) quando se colocam em outra classe que não é a dos ricos ou se queixam do preço do pano, no qual foi preciso trabalhar duro, assim como da lã comprada de baixa categoria, demonstrando que o trabalho livre era caro para uma família de posses médias e todo o serviço caseiro bruto – pelo menos aquele que exigia alguma técnica – recaía sobre a mulher:

E o meu Dioclidas, avarento, é do mesmo modo: ontem trouxe cinco fios de lã, sete dracmas de pelo de cão, cabelos arrancados de velhas caquéticas, só sujeira, trabalho em cima de trabalho.....Tudo é rico na casa do rico.

Praxínoa, te fica bem este vestido pregueado. Dize-me quanto te saiu o tecido?

– Nem queiras saber, mais de duas minas de prata. E ao feitio também entreguei a alma.

– Mas saiu a teu gosto isto tu podes dizer.

Quanto aos nativos, desde a fundação de Alexandria, estavam presentes na cidade, já que a tradição sobre Alexandre diz que o conquistador chamou os egípcios habitantes de Canopus para colonizarem a cidade. Mas são as condições na “Khóra” que talvez melhor

expliquem a grande presença de nativos: devido às pressões constantes do fisco, que tentam aplicar sobre a economia rural um modelo de eficiência muito acima do que estava habituada a produzir, a vida do camponês egípcio torna-se cada vez mais insuportável. Ao lado de um burocracia sofisticada e desconhecida anteriormente, que a economia monetária acarretou, cresceu a percepção de que a classe dominante, inclusive o soberano, não era nativa, mantinha-lhe distância, não falava sua língua e possuía outros deuses. E isso aconteceu apesar de o camponês egípcio já estar, por séculos, habituado a obedecer de forma cega a seus faraós, isto é, manter-se em posição extremamente submissa ante a Monarquia e seus agentes.¹

A reação do nativo será a fuga e deserção das aldeias produtivas, rumo ao deserto, ao asilo dos templos, ou à cidade cosmopolita: Alexandria, com sua imensa população, onde estará incógnito, poupa-o da exploração do fisco e ainda lhe oferece trabalho.

Mas muitos daqueles para quem a anakhóresis, isto é, a fuga da khóra, foi a direção ao deserto inóspito, retornam a Alexandria, ou melhor, a toda a região baixa, em forma de salteadores, isolados ou em bandos, visando principalmente os gregos. E uma época, como o começo do século III, quando era acentuado o abismo entre as duas populações, étnica e culturalmente diferentes, esses elementos marginais sem dúvida só podiam ser péssimos exemplo; e deles se serviam os gregos para defender seus preconceitos e desdém pela população nativa, e dizer com Teócrito: “o malfeitor molesta o passante, se introduzindo ‘a egípcia’ ... se divertem com brincadeiras maldosas, homens feitos de malícia, uns iguais aos outros, todos frutos ruins” (Idílio XV, vv. 47-50).

Por mais de um século, os gregos se unirão com egípcios e a proibição de *conubium* era parte do estatuto das cidades gregas do Egito – e tal situação permanece legalmente, até a época romana. Mas contatos eram inevitáveis, principalmente na khóra, onde os *clerucos* participam, por ordem real, da mesma casa dos camponeses e é Heródoto quem relata as diferenças pormenorizadas entre as duas culturas que se chocam nesses *stathmoi* agrícolas. E é no campo, mais do que na cidade, que haverá mais fusão, principalmente pela falta de mulheres gregas em grande número, o que levará os *clerucos* a constituírem famílias mistas.²

Mas o processo de miscigenação étnica acelera-se e vai coincidir no final do século com manifestações de nativismo anti-helênico advindo de uma conscientização de poder militar por parte dos nativos, após Rafia, quando são chamados pela primeira vez a fortalecer o exército lágida ante as forças selêucidas. A partir desse momento, crescem em importância os antigos *mákhimoi*, guerreiros nativos de elite, brota um saudosismo dos antigos faraós, principalmente de Nectanebo, e correm crônicas patrióticas como a Crônica Demótica e o Oráculo do Oleiro. E, sem dúvida, incentivando a ferocidade nativa

estava a classe sacerdotal que se sente desapontada com o domínio grego e só é poderosa na Tebaida, no Alto Egito, de onde insufla a revolução.

Muitas vezes, a situação do camponês não permite que o distinga dos pastores e agricultores da terra sacra, a *ge hierá*, na *Khóra*, isto é, seriam quase idênticos aos escravos dos templos, os *hieródouloi*, e na cidade sua situação como artesão “ligado aos rendimentos”, “*epipeplegménos tais prosódois*”, ou como qualquer outro serviço subalterno, quase que o coloca também na posição do escravo, devido ao baixo salário que recebe.

O uso generalizado do ferro estará entre as inovações agrícolas e que será um dos grandes pontos de conexão entre a cidade e a vida rural, por obrigar o camponês a comprar seus artefatos de ferro na cidade.³

Parece, por isso tudo, que o Egito está longe daquele quadro cantarolado pela velha Gyllis no mimo de Herodas. Na verdade, é uma decepção para classe média urbana e, quanto ao nativo, para quem mais pesava o fisco real, e sobre o qual, devido às lamúrias dos papiros, talvez pudéssemos projetar a imagem de um outro nativo de uma outra época: “Indivíduos cobertos de chagas e esfomeados, vivendo uma vida, pelo menos à primeira vista, pouco melhor do que a do gado que com eles trabalham diariamente e com o qual partilham durante a noite os lugares para dormirem”.⁴

Notas

* Doutor. Professor PUC/SP.

¹ Os egípcios da “*Khóra*” formavam, praticamente, a classe trabalhadora do Egito. Eram os “*laof*”, constituindo-se no maior número dos pagadores de taxa, “*hypoteleis*” e se relacionavam com o Estado de forma contractual: eram obrigados à execução de uma série de serviços temporários, ligados ou não à sua profissão, pelos quais recebiam um salário, embora irrisório. O não cumprimento dessas obrigações acarretava prisão e até escravização perpétua. Essa informação geral, assim como o confisco de bens em nome da Coroa, nos é dada por um documento mais ou menos recente, encontrado na Síria ptolomaica, que também deveria refletir as condições do Egito. Cf. ROSTOVITZ, M. *The Social and Economic History of the Hellenistic World*. Oxford, At the Clarendon Press, p. 317.

² TARN, W. W. *La civilisation hellénistique*. Paris, Payot, p. 201. Conforme nos informa o papiro de Elefantina, mesmo membros pertencentes ao alto círculo de Zenão e Apolônios fazem dedicações a divindades egípcias. Embora sejam fatos isolados porque ocorrem na primeira metade do século III, portanto sem apoio da intensa miscigenação do final do século, são ocasionados pela ausência de extremo exclusivismo, tipo judaico-cristão, por parte da religião grega, que a impedia de julgar a religião egípcia como um idolatrismo inferior. Ao contrário, os gregos, desde o início, parecem ter se impressionado com os mistérios milenares, embora seu zoolatrismo exagerado possa ter parecido ridículo a muitos gregos e romanos. Cf. MILNE, J. G. “Graeco-Egyptian religion”. In: HASTINGS, *Encyclopedia of Religion and Ethics*.

³ No período helenístico, além da generalização do uso do ferro, também aparece a nora, que os árabes chamaram de *saggiyah*: uma simples roda de água puxada por um animal andando em volta, guiado por um ser humano. Tentava substituir o antigo *shaduf* faraônico, dos potes mergulhados na água e levantado por

um contrapeso e continua sendo utilizado até nossos dias. E não há dúvidas de que antigos artefatos como antigas enxadas de madeira ou pedra continuavam existindo às vezes ao lado do ferro.

⁴ Indivíduos de regiões não industrializadas. Cf. ASHTON, T. S. *A revolução industrial*. Trad. de J. de Macedo. Publicações Europa - América, p.190.